APRESENTAÇÃO
Dos discursos sobre a constituição da História da Educação no Brasil

A História da Educação é, sem dúvida, um dos mais férteis campos da pesquisa histórica na atualidade. Em um rápido olhar sobre os últimos números da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, constata-se a veiculação de dezenas de trabalhos de História da Educação, produzidos por pesquisadores ligados aos departamentos de História, Educação, Educação Física e, sobretudo, ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Oportunamente, este número da Revista presenteia os leitores e estudiosos da historiografia brasileira e sergipana com um rico dossiê. O conjunto dos artigos que o compõem apresenta o quadro mais atual das pesquisas que tomam experiências do processo histórico-educacional sergipano como objetos de estudos. O leitor poderá observar os objetos privilegiados, os recortes espaço-temporais focados, os referenciais teórico-metodológicos utilizados, as fontes selecionadas e seus usos, entre outras questões relevantes da "operação historiográfica".

A importância que esse campo do conhecimento histórico vem adquirindo pode ser melhor compreendida quando lançamos um olhar retrospectivo sobre a gênese e o desenvolvimento da História da Educação no Brasil. Nesse sentido, a *Revista Brasileira de História*, um dos mais importantes periódicos brasileiros da área, veiculou um interessante estudo dos professores Diana Gonçalves Vidal, da Faculdade de Educação da USP, e Luciano Mendes de Faria Filho, da Faculdade de

Educação da UFMG, intitulado *História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)*[1]. O artigo aborda a constituição do referido campo a partir de três vertentes: a tradição historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB); as escolas de formação para o magistério; e a produção acadêmica entre os anos de 1940 e 1970. Trata-se de uma "nova genealogia" da História da Educação, que vincula a origem desse ramo do conhecimento ao IHGB.

Inicialmente, causou-nos certa inquietação o recorte temporal escolhido pelos autores, deixando de fora a "revolução" promovida, a partir da década de 1980, pelo diálogo entre a História da Educação e a Nova História Cultural. Estávamos certos de que a dupla tinha fôlego e competência suficientes para inventariar e analisar, mesmo que sumariamente, a produção do campo até fins do século XX. Mas, finda a leitura, concluímos que o recorte foi uma opção acertada ou no mínimo, cautelosa, evitando avaliar um contexto de produção no qual ambos são sujeitos diretamente envolvidos no processo. Ainda assim, Vidal e Faria Filho indicam importantes títulos que investigam a escrita recente da História da Educação, estudos produzidos por autores como Miriam Warde, Luís Carlos Barreira, Libânea Nacif Xavier, Clarice Nunes, Cláudia Alves, Cynthia Veiga e Joaquim Pintassilgo, Denice Catani e Dermeval Saviani, dentre outros.

Segundo Vidal e Faria Filho, a obra que inaugura a História da Educação no Brasil é *Instrução pública no Brasil (1500-1889): história e legislação*, de José Ricardo Pires de Almeida, publicada em 1889[2]. O "pai fundador" foi seguido por autores como Primitivo Moacyr[3] e Paulo Krüger Corrêa Mourão[4], todos relacionados ao projeto do IHGB de forjar uma identidade nacional. Dessa forma, Vidal e Faria Filho opõem-se à tese de que a historiografia educacional brasileira teria sido gestada no seio da Pedagogia, bem distante do "Império de Clio".[5]

Em se tratando da contribuição da segunda vertente da História da Educação no Brasil, os autores enfatizam a obra de Tito Lívio Ferreira[6], um herdeiro da tradição do IHGB que atuou no campo pedagógico, legando um interessante manual utilizado nas Escolas Normais[7]. Sem dúvidas, os elogios de Vidal e Faria Filho à obra do "historiógrafo" Tito

Lívio Ferreira evidenciam a sua opção em entender a História da Educação como uma especialidade da Historiografia e não da Pedagogia.

Além de observar as limitações do modelo legado pela segunda vertente — uma história da educação politicamente engajada e salvacionista —, Vidal e Faria Filho afirmam que a associação entre História e Filosofia da Educação, integradas em uma única disciplina curricular ou partilhando das diretrizes de uma mesma seção ou departamento no âmbito das escolas de formação para o magistério, reforçou o afastamento ente História da Educação e *operação historiográfica*. Dessa forma, são taxativos ao afirmarem que: "nos manuais de história da educação para uso nas Escolas Normais, salvo a contribuição de Tito Lívio Ferreira, a história continuou como repetição e comentário (e, muitas vezes, como fantasia interpretativa)".[8]

Quanto à terceira vertente da História da Educação no Brasil, originada na pós-graduação em Educação em meados da década de 1960, Vidal e Faria Filho destacam a influente contribuição de Fernando de Azevedo[9] e Laerte Ramos de Carvalho[10]. Nesse sentido, tomando como escudo as interpretações de Luís Carlos Barreira, Míriam Warde, Eliane Marta Teixeira Lopes, Ana Maria Galvão e Clarice Nunes, os ensaístas enfatizam as fragilidades da produção inicial da referida vertente, que, com uma postura salvacionista, estava voltada para explicar o presente e nele intervir.

No entanto, é exatamente ao tratarem da contribuição acadêmica para a História da Educação, que Diana Vidal e Luciano Mendes de Faria Filho expõem o calcanhar de Aquiles da sua interpretação, posto que, considerando somente a produção da pós-graduação em Educação, ignoram a produção dos programas de pós-graduação em História, os quais também surgem no Brasil em fins da década de 1960.

Dessa forma, urge a necessidade de inventariar e analisar a produção histórico-educacional no seio da historiografia — dissertações e teses dos programas de pós-graduação em História, anais dos simpósios organizados pela ANPUH, trabalhos divulgados na *Revista do IHGB* etc. Certamente, a análise da *operação historiográfica* que marca a produção do campo nos cursos de mestrado e doutorado em

História pode lançar novas luzes sobre a interpretação que os autores fazem acerca da terceira vertente da História da Educação no Brasil.

Utilizando lentes interpretativas similares às de Diana Vidal e Luciano Mendes de Faria Filho, o professor Jorge Carvalho do Nascimento, que atua no Centro de Educação e Ciências Humanas da UFS, apresentou-nos um interessante painel da escrita da História da Educação no Nordeste do Brasil, veiculado numa obra recente e que reúne contribuições alguns dos principais pesquisadores da área.[11]

O texto de Nascimento, intitulado *Sobre o campo da História da Educação da região Nordeste*, dialoga com estudos de autores como Miriam Jorge Warde, Marta Maria Chagas de Carvalho, Luís Carlos Barreira, Bruno Bomtempi Júnior e, destacadamente, Marta Maria de Araújo[12]. Busca-se, com esse diálogo, compreender o campo de estudos da História da Educação na região Nordeste, desde sua emergência em meados do século XX até os dias atuais. Observam-se elementos referentes ao *locus* da produção, ao amparo institucional recebido, às iniciativas individuais, aos editores e às filiações teóricas dos estudos, além das temáticas estudadas, períodos focalizados, fontes exploradas e metodologia utilizada. Tenciona-se perceber "as condições sob as quais a pesquisa, a produção bibliográfica e o ensino de História da Educação vêm se organizando e reorganizando, principalmente a partir do último quartel do século XX, no Brasil e na região Nordeste".[13]

Seguindo uma tendência que ganha força entre as novas fornadas de pesquisadores da área, Nascimento busca legitimar a História da Educação enquanto especialidade da História, uma vertente do conhecimento histórico. Contudo, ao discorrer sobre a contribuição da Academia para História da Educação no Nordeste, o autor ignora o legado da pós-graduação em História, e privilegia somente a produção dos programas de pós-graduação em Educação, que começaram a funcionar na década de 1970.

No Nordeste do Brasil, a pós-graduação em Educação e a pós-graduação em História são praticamente contemporâneas, visto que os primeiros programas de História surgiram em princípios da década de 1980. Ciente do fato, tivemos a curiosidade de inventariar as disserta-

ções e teses produzidas no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e constatamos que, até o presente, foram produzidas 19 dissertações e 03 teses que abordam temas do universo educacional. A maior parte dos trabalhos foi orientada pelos professores(as) Lígia Bellini, Lina Aras, Fernando Guerreiro, Muniz Ferreira e Consuelo Novais Sampaio, pesquisadores que continuam atuando no referido programa de pós-graduação. Além disso, alguns desses trabalhos já foram publicados e circulam nos meios acadêmicos, como é o caso da obra de Adriana Dantas Reis Alves, desdobramento da dissertação intitulada *Um Tratado para a Educação de Cora: novos critérios de conduta social para a elite feminina na Bahia oitocentista*, defendida em 1999, sob orientação de Cândido da Costa e Silva[14]. Esses são indícios sintomáticos do que poderia ser constatado, caso fosse inventariada e analisada a contribuição dos cursos de mestrado e doutorado em História que existem, dentre outras, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Em se tratando da UFBA, Nascimento constatou a influência que essa instituição exerceu no campo da História da Educação ao longo da década de 1980, relacionando tal fenômeno aos "influxos de medidas tomadas na Bahia, ainda no final da década de 50, em 1959, quando o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais – CBPE publicou a primeira edição do livro de Luís Henrique Tavares, *Fontes para o estudo da Educação no Brasil*, reeditado em 2001, por iniciativa da pesquisadora Jaci Maria Ferraz de Menezes, da UNEB". Todavia, o fato de Luís Henrique Tavares representar um dos principais nomes da historiografia baiana, pesquisador renomado e professor de História na UFBA, não empolgou Nascimento a investigar, no que concerne ao campo da História da Educação, a contribuição dos historiadores de ofício que atuam ou atuaram nas universidades do Nordeste.

A análise feita por Nascimento enfatiza, ainda, alguns "vícios" que marcam a produção histórico-educacional no Nordeste, como a raridade de estudos que tratam do período Colonial e utilização predominante de documentos oficiais (coleções de leis, correspondência oficial, relatórios

de diretores de Instrução Pública e mensagens governamentais). Seria possível que a análise ganhasse outro rumo, caso a produção dos programas de pós-graduação em História também tivesse sido fitada pelo arguto pesquisador[15]. Nesse sentido, um trabalho pioneiro foi levado a cabo por Nedina Stein, que recorreu a um inventário de teses e dissertações elaborado pela Associação Nacional de História (ANPUH) e pela Universidade de São Paulo (USP), observando como as instituições escolares têm sido estudadas na pós-graduação em História do país. Stein constatou, inclusive, muitos desencontros entre o perfil da História da Educação oriunda da pós-graduação em História e a da pós-graduação em Educação.[16]

Dessa forma, o pioneiro trabalho iniciado por autores como Jorge Carvalho do Nascimento, Diana Vidal e Luciano Mendes de Faria Filho, lançando luzes sobre o campo da História da Educação no Brasil, pode e deve ser ampliado pelos interessados no assunto. Quem sabe, os discípulos dos mestres, seus orientandos, possam seguir suas trilhas e enveredar pelo estudo da escrita da história da educação em um locus também legítimo da pesquisa, os programas de pós-graduação em História.

Aracaju/SE, setembro de 2011

SAMUEL BARROS DE MEDEIROS ALBUQUERQUE
Presidente do IHGSE

Notas

1 VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. "História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 37-70, 2003.

2 Publicada na França em 1889, originalmente intitulada *L'Instruction publique au Brésil: histoire et legislation (1500-1889)*, a obra foi traduzida por Antônio Chizzotti e publicada no Brasil em 1989 pela Editora da PUC-SP em parceria com o INEP, na série *Memória da educação brasileira*. Em 2000, a obra foi republicada pela EDUC e INEP, na série *Publicações de fontes de informação em Educação.*

3 Autor que, entre 1936 e 1942, publicou os 15 volumes de uma obra monumental sobre a instrução

no Brasil: MOACYR, Primitivo. *A instrução e o Império*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1936-1938 (3 volumes); MOACYR, Primitivo. *A instrução e as Províncias*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1939-1940 (3 volumes); MOACYR, Primitivo. *A instrução e a República*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941-1942 (7 volumes); MOACYR, Primitivo. *A instrução pública no Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942 (2 volumes). Chamou minha atenção, sobretudo, o 2º volume de *A instrução e as Províncias*, que trata da Bahia, Sergipe, Rio de Janeiro e São Paulo, entre 1835 e 1889.

4 Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais que, atuando no INEP, publicou *O ensino em Minas Gerais no tempo do Império* e *O ensino em Minas Gerais no tempo da República*, em 1959 e 1962 [VEIGA, Cynthia G. & FARIA FILHO, Luciano Mendes. "A escrita da história da educação mineira: a produção de Paulo Krüger". In: GONDRA, José (Org.). *Dos arquivos à escrita da história*: a educação brasileira entre o Império e a República. Bragança Paulista: EDUSF, 2001, pp. 37-58].

5 NUNES, Clarice. "A instrução pública e a primeira história sistematizada da educação brasileira". *Cadernos de Pesquisa*, nº 93, maio de 1995, pp. 51-59.

6 Também destacam a contribuição de Júlio Afrânio Peixoto e Aquiles Archêro Júnior. Peixoto foi autor do primeiro manual didático brasileiro sobre História da Educação, publicado em 1933 pela Biblioteca Pedagógica Brasileira, na série Atualidades Pedagógicas [PEIXOTO, Júlio Afrânio. *Noções de História da Educação*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1933]. Já Archêro Júnior, "reproduziu" o legado de Peixoto em sua obra [ARCHÊRO JUNIOR, Aquiles. *Lições de história da educação*. São Paulo: Edições e publicações Brasil Ed., s.d. (Coleção Didática Nacional. Série Brasil – Normal)].

7 FERREIRA, Tito Lívio. *História da educação lusobrasileira*. São Paulo: Saraiva, 1966.

8 VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. "História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003. p. 52.

9 Professor da USP e figura proeminente no campo político da educação brasileira, Azevedo é autor da obra *A cultura brasileira*, cujo terceiro tomo, intitulado *A transmissão da cultura*, trata exatamente da trajetória educacional brasileira. [AZEVEDO, Fernando. *A cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943].

10 Outro poderoso e influente uspiano, Ramos de Carvalho é autor de *As reformas pombalinas da instrução pública*, tese defendida em 1952 e publicada, somente, em 1978 [CARVALHO, Laerte Ramos de. *As reformas pombalinas da instrução pública*. São Paulo: EDUSP/Saraiva, 1978.

11 NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. "Sobre o campo da História da Educação na região Nordeste". In: NASCIMENTO, Jorge Carvalho do; & VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs). *História da Educação no Nordeste do Brasil*. Fortaleza: UFC Edições, 2006, pp. 29-43.

12 Do total de 13 notas de roda-pé existentes no texto de Jorge Carvalho do Nascimento, 07 fazem menção a um estudo de Marta Maria de Araújo intitulado *Tempo de balanço: campo educacional e produção histórico educacional brasileira e da região Nordeste* (Revista Brasileira de História da Educação, n. 5, jan./jun. 2003), que denota a intensa interlocução entre os autores.

13 NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. "Sobre o campo da História da Educação na região Nordeste". In: NASCIMENTO, Jorge Carvalho do; & VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs). *História da Educação no Nordeste do Brasil*. Fortaleza: UFC Edições, 2006, p. 29.

14 ALVES, Adriana Dantas Reis. *Cora*: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2000.

15 Contudo, é necessário mencionar que, apesar da ausência de cursos de mestrado de doutorado em História na UFS, as iniciativas de próprio Jorge Carvalho do Nascimento e do pesquisador Fábio Alves dos Santos já deram uma importante contribuição para entender como vem se constituindo o campo da História da Educação em Sergipe, levando em conta, sobretudo, as investidas dos nossos historiadores e estudantes de História pelo universo educacional [NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Historiografia educacional sergipana*: uma crítica aos estudos de história da educação. São Cristóvão:

Grupo de estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003 (Coleção Educação é História, 1); SANTOS, Fábio Alves dos. *Olhares de Clio sobre o universo educacional*. Um estudo das monografias sobre educação do departamento de História da UFS, 1996-2002. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003 (Coleção Educação é História, 2).

16 STEIN, Nedina R. M. *História das instituições escolares brasileiras na produção dos programas e cursos de pós-graduação em História, 1974-1994*: uma contribuição para historiografia da educação brasileira. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação), 1998. Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientador: Luiz Carlos Barreira.